

## FRAGMENTOS NARRATIVOS DE UM PERCURSO FORMATIVO EM PSICOLOGIA

Laura De Aro Galera<sup>1</sup> – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Leandro de Campos Fonseca<sup>2</sup> – Universidade de Sorocaba

### Resumo:

Esse texto apresenta fragmentos de uma estudante de psicologia que utilizou a base epistemológica construcionista de Spink e as narrativas ficcionais de Reigota para realizar o *ensaiar-se* como prática reflexiva crítica sobre o processo de formação em Psicologia. Este artigo sintetizou um exercício de deslocamento em relação à experiência de formação em psicologia, particularmente do estágio de saúde, através de uma recolocação de uma narrativa ficcional, construída pela personagem-narradora, Helena. Interlocutora responsável pela abertura de sentidos que se pretende inserir no processo de reflexão sobre a experiência de estágio. A experiência em ter sido narrada pela interlocutora, Helena, fez com que o deslocar do seu lugar comum para ser narrado pela personagem, enriquecesse a formação no sentido de ampliar o olhar sob uma determinada questão de pesquisa, a fim de produzir outros sentidos. Perceber, sentir, praticar um posicionamento distanciado daquilo que concerne o cuidado de si como condição para o cuidado do outro.

**Palavras chave:** Narrativas ficcionais. Produção de sentido. Modos de subjetividade.

### Abstract:

This article presents fragments of a psychology student who used Spink's constructionist epistemological basis and Reigota's fictional narratives to rehearse herself as a critical reflective practice on the process of psychology education. This article synthesized a displacement exercise in relation to the experience of training in psychology, particularly of the health stage, through a replacement of a fictional narrative, built by the narrator character Helena. Interlocutor responsible for the opening of meanings that is intended to be inserted in the process of reflection on the internship experience. The experience of being narrated by the interlocutor Helena made the displacement of its common place to be narrated by the character, enriched the formation in the sense of broadening the gaze under a certain research issue, in order to produce other meanings. Perceive, feel, practice a detached position from what concerns self-care as a condition for the care of others.

**Keywords:** Fictional narratives. Meaning production. Modes of subjectivity.

### 1. Uma possibilidade

Nesse artigo trabalhei a literatura como um dos elementos relacionados com a produção de subjetividades e o desenvolvimento de psicologias científicas como parte importante para a consolidação de modos atuais de ser, pensar e agir (GERMANO, 2006). Apostei na importância de utilizar obras literárias como fonte de inspiração para a pesquisa sobre as minhas experiências. Considerei que tais práticas sejam capazes de compreender a realidade do

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Bolsista Capes. E-mail: lauradgalera@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do curso de Psicologia da Universidade de Sorocaba (Uniso). E-mail: leandro.fonseca@prof.uniso.br.

cotidiano dos psicólogos e das psicólogas em consultórios, instituições e comunidades (GERMANO, 2006).

Trabalhei com a coexistência de diferentes práticas sociais que performam o objeto, visando uma tentativa de ampliação das múltiplas realidades que participam desse processo, como ainda, considere também, a multiplicidade de atores humanos e não humanos que participaram da construção desse lugar de fala (SPINK, REIGOTA; MARTINS, 2014; SPINK, 2014). Nesse sentido, as múltiplas realidades que fizeram parte desse percurso foram: 1. A obra de Hilda Hilst em *Fluxo-Floema* (HILST, 2018); 2. A obra de Lou Andreas Salomé em *Minha Vida* (SALOMÉ, 1985); 3. As disciplinas relacionadas com a formação em psicologia, incluídas na grade curricular do curso; 4. A prática reflexiva crítica do *ensaiar-se* com a personagem Helena; 5. Os professores, os amigos e as amigas; 6. As redes sociais; 7. Os eventos acadêmicos; 8. Intercâmbio; 9. O programa de pesquisa oferecido pela Universidade de Sorocaba; 10. Monitoria da disciplina de técnicas de exame e avaliação psicológica; 11. O curso de extensão “Escrita para Todos”; 12. Ouvinte de defesa de mestrados e doutorados no programa de pós-graduação da Universidade de Sorocaba em Educação.

Em Hilda Hilst captei uma escrita em fluxo de pensamentos e sentimentos que ecoou e combinou o som das palavras sem sentido, já na autobiografia de Lou Andreas Salomé, captei o íntimo do mundo, o silêncio, a ardência da vida, essa vida que ultrapassa as palavras.

Em decorrência dos atravessamentos sentidos em meu corpo, por essas obras de Hilda Hilst e Lou Andreas Salomé, passei a me identificar com as personagens de ficção e a compreendê-las como se fossem pessoas reais do meu cotidiano (GERMANO, 2006). E assim, essas personagens acabaram ficando mais próximas das situações da minha vida. Passei a relacionar os dilemas da ficção com meus próprios dilemas. Deste modo, as personagens que eu criei para a escrita inventiva da personagem Helena, possibilitaram uma atmosfera de cumplicidade que envolveu comentários pessoais, atravessando a história contada (GERMANO, 2006).

Nesse sentido, criei a personagem Helena com o objetivo de assumir um exercício pessoal de *ensaiar-se*, como prática reflexiva crítica sobre o processo de formação em psicologia. Esse processo buscou potencializar as dimensões estéticas e ético-políticas da vida, dimensões que ultrapassam o léxico da comunicação científica tradicional e provocam o acontecimento no encontro narrativo, com o objetivo de proliferar sentidos outros.

O exercício de *ensaiar-se* me possibilitou conquistar um espaço de fala, pensamento e de viver do meu próprio modo, como pesquisadora, estagiária e autora da minha própria história (LARROSA, 2004), a experiência da produção de conhecimento. Este exercício me desafiou a

concretizar um tipo de performance em que o imperativo fundamental foi encontrar maneiras de não me submeter aos modos impostos por uma sociedade racional e machista que se utiliza de dispositivos de poder para o meu “assujeitamento” (DREYFUS; RABINOW, 1995). Escrever sobre a personagem Helena foi e ainda é uma possibilidade de resistir a essas imposições, como um modo de escapar dessas amarras institucionais que amortecem a meus pensamentos e os meus sentimentos.

Nesse sentido, fui provocada a me deslocar do meu lugar comum, advinda de uma escrita acadêmica regrada e moldada pelas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)<sup>2</sup> e disciplinada pelas regras institucionais da Universidade, para uma escrita contemporânea orientada pelo ensaio ou que dialogam com outras linguagens estéticas (GERMANO, 2006). Essa possibilidade recuperou a minha singularidade e a minha capacidade de movimentar o pensamento, com a problematização e a reproblemática de mim mesma (LARROSA, 2004), que até então foi e ainda é, massacrada e sufocada pela escrita acadêmica.

Ao me deparar com a folha em branco de papel, entrava em contato comigo mesma, com meus pensamentos, com meus preconceitos, com minhas verdades, com minhas vergonhas, com a minha culpa, com os meus sonhos, meus fracassos, com meus valores, com a minha moral. O processo de produção da pesquisa apresentada neste artigo somente foi possível pela deglutição antropofágica dos atravessamentos vividos em meu corpo que intencionou construir outros sentidos nas ecologias, nas educações e nas construções de si (YANG, REIGOTA; BARCHI, 2017).

Como também, a partir da relação dialógica minha com meu orientador, Leandro Fonseca, pude viver um destroncamento, no sentido de permitir que a escrita inventiva de Helena me tornasse uma personagem. Ao desmembrar a Helena de meu corpo, pude sintetizar por meio desse trabalho, um exercício de deslocamento em relação a minha experiência de formação em psicologia, particularmente do Estágio de Saúde I, realizado em um Hospital Geral da cidade de Sorocaba. O deslocamento aconteceu no exercício de produção de sentidos sobre três vivências marcantes ocorridas no estágio.

O primeiro episódio apresentou o tema da violência contra a mulher. Esse momento aconteceu no primeiro contato com o hospital. A equipe de estágio conheceu todo o hospital e no final, as duplas tinham que conhecer um setor de seu interesse. Eu e a minha dupla decidimos visitar a enfermaria de psiquiatria. Entrei, em conjunto com a minha dupla e uma médica residente, no espaço que os usuários ficavam. Conhecemos o local e em seguida, a médica

---

<sup>2</sup> ABNT NBR 6023.

sugeriu que conhecêssemos uma usuária. De imediato, trocamos algumas palavras do cotidiano, e logo que entrei no quarto em que ela estava, senti a tensão no ar, na pele.

O segundo acontecimento apresentou o tema da morte. Esse momento aconteceu na enfermaria de oncologia. Fui realizar atendimentos individualizados nos leitos com dois usuários. A primeira usuária estava prestes a falecer, devido a seu câncer no intestino. Fui alertada que ela não queria conversar com ninguém. Sentei-me na poltrona ao lado e fiz um chapéu de papel sulfite para ela. Em seguida, ela começou a se interessar e quis fazer um barco. Nesse momento, conseguimos ter uma conversa breve, quase muda, mas muito significativa e sutil.

O outro usuário apresentou o tema da vida que ultrapassa as palavras. Fui atender o usuário que estava internado devido a um câncer. Não sei ao certo o que aconteceu, mas algo acontecia ali. Os olhos encheram de lágrimas. Relatou que fazia tempo que não conversava com alguém e que no hospital não tinha nenhuma atividade para desempenhar e isso não era bom para ele. Agradeceu que eu tinha ido vê-lo.

Estes três encontros constituíram a base do exercício de escrita que orientaram a construção do meu trabalho de pesquisa. Um movimento pautado pela recolocação do vivido no âmbito de uma narrativa ficcional, construída pela personagem-narradora, Helena, interlocutora responsável pela abertura de sentidos que pretendi inserir no processo de reflexão a experiência de estágio.

Com o estudo de Larrosa (2003), problematizei as políticas de verdade e as imagens de pensamento e do conhecimento, relevantes no mundo acadêmico, que impõem determinados modos de escrita e excluem outros. Com isso, considerei o ensaio fazendo parte dessa pesquisa, em que como estudante de psicologia pretendeu-se realizar um exercício de *ensaiar-se*.

Para esse exercício de *ensaiar-se*, utilizei a base epistemológica construcionista cunhada pela autora Spink (2013). Com essa abordagem, trabalhei com formas variadas de práticas discursivas a partir de três dimensões: a linguagem, a história e a pessoa. A partir do momento que criei a personagem Helena e iniciei o hábito de escrever, busquei novos sentidos, de acordo com o movimento das relações humanas do cotidiano, permeado e produzido pela linguagem como ferramenta para construção de realidades (SPINK, 2013). Segundo Vilela e Souza (2014, p. 55), “As nossas descrições são produto de nossa imersão nos relacionamentos” por uma troca dialógica.

Por dialogia, optei pela abordagem de Bakhtin em que considera a produção dos enunciados de uma pessoa em contato com uma ou mais pessoas, mesmo quando não estão presentes, isto é, compreende diálogos internos (BAKHTIN, 2016). Nesses diálogos “habitam

falantes e ouvintes que se interanimam mutuamente e orientam a produção de sentidos e enunciados” (SPINK, 2013, p. 27). Ainda para essa autora, compreende que o “pensamento é dialógico” (SPINK, 2013, p. 27).

A proposta de trabalho com as narrativas ficcionais, desenvolvida por Reigota (1999), como componente ético e etnográfico, possibilitaram trabalhar as narrativas como fragmentos de minhas vivências e criar “colagens” baseadas em fatos, mas vistas e lidas como ficção.

A estratégica epistemológica empregada divide-se em dois momentos: a contextualização e a criação da personagem-interlocutora, Helena, suas características físicas, psicológicas e pessoais e a apresentação da narrativa de Helena, chamada: “Porteira”<sup>3</sup>. Neste segundo momento, Helena reconstrói, a partir de sua perspectiva, minhas vivências no contexto de estágio enquanto estudante de psicologia. Aqui é que reside a principal estratégia de construção de conhecimentos que parte daquilo que é vivido pela estudante para a realização da proposta de pesquisa.

Nessa narrativa foi sugerido pelo professor orientador Leandro que o texto fosse gravado em áudio, então ele me mostrou o áudio da Aracy Balabanian que narrou o texto da Clarice Lispector – *Perdoando Deus via Youtube*. A possibilidade de gravar o texto, ao invés de eu mesma narrar ou as outras pessoas lerem, veio da influencia da obra de Hilda Hilst que combina o som das palavras em sua narrativa, deixando-o sonoro.

Nesse sentido, convidei minha amiga Marta Catunda para gravar o texto, devido ao seu trabalho sonoro com os pássaros. A Marta capta o som dos pássaros e compõe músicas. Seu trabalho é baseado no *A B C dos encontros Sonoros: entre cotidianos da educação ambiental* (CATUNDA, 2013) e *Uma cartografia ecologista dos pássaros* (CATUNDA, 2018). Outras referências foram Murray Schaffer (*Ouvido pensante*, de 1993) e Marisa Fonterrada (*O lobo no labirinto*, de 2010) por uma busca de ouvir/escutar e outras propostas de escuta da paisagem sonora e de sensibilização para com a ambiência sonora.

## 2. Como criar? O nascimento da personagem Helena

O contexto em que se deu a criação da personagem Helena está relacionado com momentos da minha história de vida. O interesse em escrever veio desde adolescente, quando combinava com as minhas amigas para lermos o mesmo livro e depois comentarmos sobre, ou os empréstimos de livros que fazíamos entre nós. O interesse era tanto que minhas aulas

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.linhaslivres.com/post/helena-quer-falar>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

favoritas no ensino médio eram de literatura e redação. Discutíamos sobre os assuntos polêmicos, escrevíamos os diversos gêneros textuais (textos guardados até hoje).

Não havia me dado conta que os primeiros rastros dessa ligação forte com o ler e o escrever tinha vindo de outros tempos. O que percebia normalmente na minha vida era sempre um sentimento de curiosidade e uma ânsia de aprender, sem razão, sem motivo, apenas aprender. Nesse período, após o término das aulas, eu ia conversar com a professora sobre o conteúdo, queria saber mais sobre o assunto e então, acabei ficando próxima da professora de literatura da escola. Ela me indicava livros, emprestava e inclusive, me presenteava com eles.

Percebendo meu intenso interesse, a professora começou a me mostrar músicas brasileiras e a ensinar a poesia, a crítica, o pensamento que existia ali. Esse universo literário foi me fascinando cada vez mais, porém, não via vias em que eu pudesse interligar meu conhecimento literário com o meu conhecimento escolar. Contudo, foi seguindo em frente, sem que a literatura perdesse seu lugar em minha vida.

Antes de entrar na universidade, já encontrava alguns sinais da literatura, mas com muita demarcação daquilo que eu deveria ler para passar no vestibular. Daquilo que as outras pessoas achavam que seria bom para meu futuro e no fim das contas, eu não obedecia. Não os li. Continuei lendo os autores que gostava, aqueles que eu e as minhas amigas combinávamos de ler.

Chegando à universidade, não foi diferente, estudava as matérias obrigatórias da grade curricular do curso, mas, sempre acompanhada das obras literárias e dos assuntos com professores, amigos sobre isso. Vale mencionar que as discussões sobre as obras literárias eram realizadas durante o intervalo ou na hora que a aula acabava. A literatura estava à margem do universo acadêmico.

Durante a graduação, no ano de 2016, aconteceu um episódio marcante de minha vida o qual contarei a seguir. Eu estava pronta para sair de casa, então, fiquei esperando a carona passar para me pegar. Enquanto a carona não chegava, subi para meu quarto e coloquei pelo celular a música do “Chico Buarque – Apesar de você”. Já fazia duas semanas em que estava pensando em comprar um livro do Albert Einstein que se chamava: “Como vejo o mundo”.

Nesse meio tempo de espera, pensamentos e sentimentos vinham à tona em relação a dúvida cruel em comprar o livro. A recordação que tenho é que vinha em minha mente a seguinte frase: “Deixa disso, garota!”. Nesse momento, não pude sair de casa, sem antes, escrever sobre esse acontecimento. Ao iniciar a escrita do acontecimento, criei Helena para escrever o meu primeiro texto chamado: “Conte-me de seus ventos”.

A escrita é o modo de me questionar, provocar e sentir os atravessamentos que acontecem em minha própria vida e de perceber outros modos de existência (YANG; REIGOTA; BARCHI, 2017). Escrever sobre mim passou a ser parte da existência. Como dizer? Eu escrevo. Como não esquecer? Eu escrevo. Como posso viver? E, é mais uma vez que escrevo. Encontrei na escrita um sentimento e uma forma de me questionar sobre a minha própria existência. De refletir que eu não deveria cultuar modelos prontos por outras pessoas, sejam elas geniais, famosas ou não. Nesse sentido, a escrita é entendida nesse trabalho, como uma possibilidade de resistência que se inscreve nas dimensões estéticas e ético-políticas, evidenciando uma existência de uma mulher autora e protagonista de sua própria vida.

Com isso, vivi todo o percurso formativo em psicologia em confronto com a escrita inventiva de Helena e a escrita acadêmica regrada. Nesse período, na medida em que a escrita de Helena se desenvolvia, textos eram escritos, e fui mostrando para meus colegas essa invenção. Até que chegou um momento que mostrei para meu amigo, André Yang e em seguida, em 2017, André sugeriu que eu mostrasse esses textos ao orientador de iniciação científica dele, prof. Marcos Reigota.

Durante toda a graduação, construiu-se uma relação de compartilhamento de saberes em que íamos recolhendo pelo cotidiano. O Marcos me apresentou os discos de vinil: *Meus Caros Amigos* de Chico Buarque (1976), *Summertime* de Cida Moreira (1981), *Flor do Mal* de Zizi Possi (1978), *16 of their greatest hits* de The Mamas and Papas. Desses discos o da Cida Moreira e o do The Mamas and Papas foram os que mais me tocaram.

As músicas que eles cantam nesses discos me lembraram da minha viagem pelos Estados Unidos. A viagem que eu dei mais uma vez meu último adeus a mim mesma. Despertei o olhar manso sonhador que batia forte pela ardência da vida. As músicas que ecoavam dentro do meu coração eram: *Stardust*, *Gota de Sangue* e *Kozmic Blues* do vinil da Cida Moreira e as músicas *Dream a little dream of me* e *My girl* do vinil The Mamas and Papas.

Como também, as revistas *Cult*, contudo, foi a da Clarice Lispector e do Winnicott as que mais me chamaram atenção. A Clarice pela sua influência em minha escrita, por ser uma autora que leio desde adolescente e o Winnicott com a sua sensibilidade de levar a psicanálise para outros segmentos de atuação e não somente a atuação nas clínicas para as elites.

O Marcos me instigou com a escritora Hilda Hilst, ao me apresentar o livro *Estar sendo/Ter sido* (HILST, 2012), porém, acabei lendo outras obras. Como também, apresentou-me o filme *Lou* (2018) e o livro *Minha Vida*, da Louise Andreas-Salomé (1985). Louise era uma intelectual alemã, nascida na Rússia. Foi uma bela mulher que quebrou as regras morais de sua época. Por mim, é considerada como uma revolucionária de seu tempo por tratar de

assuntos que eram impensáveis de serem tratados por uma mulher, como por exemplo, sobre a sexualidade feminina. Estudou muito durante a juventude e se aproximou de importantes intelectuais da época, tais como: Friedrich Nietzsche, aluna de Sigmund Freud, Paul Rée e Rainer Maria Rilke.

Esse material apresentado pelo Marcos foi um conhecimento que ultrapassou o conhecimento técnico constituído na grade curricular do curso de psicologia. Esse conteúdo deu suporte a um conhecimento que possibilitou uma compreensão advinda de diálogo com o mundo, como uma forma de vê-lo. Contribuindo para uma formação ética e responsável que aparentemente não passa pela formação acadêmica.

Enquanto isso, para ampliar o repertório da escrita inventiva da personagem Helena, experimentava suas sugestões e ia seguindo com a curiosidade aguçada. A curiosidade era tanta que recebi um e-mail da universidade (Uniso), relatando que tinha aberto cursos de extensão. Em seguida, deparei-me com o curso “Escrita para Todos”, da prof(a) Leila Gapy. Fiz minha matrícula no curso. Como também, as viagens realizadas nas férias pela universidade para estudar inglês no Mississippi College, nos Estados Unidos e aprender sobre a cultura deles, tais como: Blues, Jazz, poetas, linguagem local (as gírias), culinária, entre outros. Para logo em seguida, elaborar os textos e entregá-los para o professor (des)orientador, Marcos, ler.

No 9º semestre do curso de psicologia, no ano de 2018, tive a disciplina de “Prática de Pesquisa: Projeto” para fazer a monografia, ministrada pela professora orientadora Alda Romaguera. E, é então que a professora permitiu elaborar o projeto de pesquisa do Trabalho da Conclusão de Curso (TCC), com a escrita inventiva de Helena. Em seguida, no 10º semestre, tive a disciplina de “Prática de Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)”, ministrada pelo professor orientador, Leandro de Campos Fonseca, que possibilitou dar continuidade a essa pesquisa.

Nesse período, participei de congressos, apresentações de banca de mestrado e doutorado, grupo de pesquisa (Coletivo Ritmos de Pensamentos e Educação e Política de Formação em Saúde), cursos de extensão, monitoria na disciplina de “Técnicas de Exame e Avaliação Psicológica”, projeto de extensão como voluntária, iniciação científica com bolsa. As relações iam se ampliando juntamente com os saberes, os sentimentos, as vivências, as saudades compartilhadas. O silêncio sendo dito e o não dito fazendo sua vez. O sentido no não sentido. Era a vida e seus sinais.

### **3. Reflexividade**

O perder-se sempre me remeteu a essa oportunidade em ter assumido um exercício de *ensaiar-se*, durante a formação em psicologia, provocando o reinventar-se de mim mesma, esse estado de gravidez que é a criação. Os afetos são políticos por terem atravessado o meu corpo e assim, ter me levado a me constituir de um modo de ser. Um modo que arriscou inserir na produção de conhecimento, as minhas experiências vividas e a literatura. Dois elementos que se distanciam de um fazer ciência neutra, cheia de regras de escrita, de uma única maneira de produzir conhecimento.

Entrar em contato com as obras artísticas fizeram com que eu me distanciasse de um olhar clínico psicológico e me abrisse para o campo da estética que abarca questões relacionadas com a profundidade da vida, tais como: a morte, a violência. Elementos que fazem parte do ser humano, mas que são tratados sem dignidade ou com uma certa lógica determinada.

Essa discussão que convidei o leitor a participar, parte de uma reflexão sobre a produção de conhecimento que se propagou para um saber para além daquele constituído na grade curricular do curso em psicologia: a ética. Contudo, uma ética como trabalho de si, inscrita no campo estético e político que não se submete a uma norma, tal como: o código de ética do psicólogo.

Esse posicionamento assumido por mim se inscreveu como prática reflexiva crítica de si, como construção de um horizonte possível de atuação profissional como psicóloga. A importância em considerar a formação em psicologia voltada para as questões éticas circunscrevem um cenário do cuidado de si como condição para o cuidado com o outro. A experiência de ter sido narrada pela interlocutora Helena fez com que enriquecesse a formação no sentido de perceber a existência dos múltiplos olhares possíveis sob uma determinada questão de pesquisa.

A dimensão do pesquisar que passou por essa trajetória, por esse grupo de pessoas que atravessaram meu cotidiano e o cotidiano da personagem Helena é de arquitetar o texto do artigo, a partir de um lugar que se constrói daquilo que é vivido, daquilo que é sentido. O plano do sensível. Contaminar-se pelas pessoas, pelos objetos, pelos lugares.

A caminhada aqui apresentada foi muito além de teorias, ela perpassou por uma noção de pesquisar com a vida. A vida me proporcionando bons encontros. Ter conhecido o Marcos Reigota fez com que eu transformasse meu modo de ser no mundo e aprendesse a vida em fluxo. A Alda Romaguera por tecer e apresentar a poética da vida e a Marta Catunda aguçando o ruído cósmico. E por fim, o professor orientador e psicólogo Leandro Fonseca que durante todo processo de elaboração do texto fez com que eu rompesse, me descolasse da personagem

Helena e assim, uma parte de mim se desintegrou, para que eu pudesse olhar de fato com outros olhos, outros sentidos, outras Laura(s).

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso [Speech Genres]*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CATUNDA, Marta. *O canto de céu aberto e da mata fechada*. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- \_\_\_\_\_. *A,B,C dos encontros Sonoros: entre cotidianos da educação ambiental*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP. Disponível em: <[http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses\\_2013/Marta\\_Catunda.pdf](http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses_2013/Marta_Catunda.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. O sujeito e o poder. In: FOUCAULT, Michel. *Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-239.
- GERMANO, Idilva. Interioridade, intimidade: o discurso psicológico na literatura dos séculos XIX e XX. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006.
- HILST, Hilda. *Estar sendo. Ter sido (1997)*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Fluxo-floema (1970)*. São Paulo: Companhia das letras, 2018.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação e Realidade*, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003.
- \_\_\_\_\_. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e Realidade*, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004.
- REIGOTA, Marcos. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.
- SALOMÉ, Louise Andreas-Salomé. *Minha vida*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SPINK, Mary Jane Paris. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano (1999)*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2013.
- \_\_\_\_\_. REIGOTA, Marcos Antônio Silva; MARTINS. Mário Henrique de Mata. Linguistic repertoires of interdisciplinarity in Brazilian journals in the area of Psychology. *Paidéia*, v. 24, n. 59, p. 371-378, 2014.
- \_\_\_\_\_. *O cotidiano como foco de pesquisa na psicologia: o que mudou nesses 50 anos?*. 2014. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/271763332\\_O\\_COTIDIANO\\_COMO\\_FOCO\\_DE\\_PESQUISA\\_NA\\_PSICOLOGIA\\_O\\_QUE\\_MUDOU\\_NESSES\\_50\\_ANOS/link/54d0d0ff0cf20323c219cff0/download](https://www.researchgate.net/publication/271763332_O_COTIDIANO_COMO_FOCO_DE_PESQUISA_NA_PSICOLOGIA_O_QUE_MUDOU_NESSES_50_ANOS/link/54d0d0ff0cf20323c219cff0/download)>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- YANG, André Chaves; REIGOTA. Marcos; BARCH, Rodrigo. Ecosofia tropical, educação ambiental canibal e a aventura de desnudar(-se). *Linha Mestra*, n. 35, p. 265-277, 2018.